

A close-up, profile photograph of Vitor Almada, an older man with a full, grey beard and hair. He is looking towards the right of the frame. The background is a soft, out-of-focus landscape under a blue sky.

Vítor Almada

Coordenador da Unidade de Investigação em Eco-Etologia do ISPA, Vítor Almada é um biólogo apaixonado pela natureza e pelo trabalho que desenvolve em prol desta temática.

Figura inspiradora para aqueles com quem diariamente trabalha e partilha o gosto pela investigação científica, é um homem de sonhos e de desafios. Nesta entrevista fala abertamente sobre a carreira de docência, os projectos de investigação, a criação do Centro de Biociências e muito mais.

Há quase 35 anos que lecciona no ISPA. Que unidades?

Na licenciatura leccionei, durante muito tempo, as disciplinas de Biologia e Etologia. Nos Mestrados de Etologia e Psicossomática, também dei várias disciplinas. Actualmente lecciono a unidade curricular de Genes Ambiente e Comportamento no segundo ano do Mestrado Integrado, tendo, no último ano, também leccionado no 2.º ciclo em Psicobiologia.

Como surgiu esta ligação com o Instituto?

Comecei a dar aulas na Instituição, em 1974. Tinha 24 anos e acabado a licenciatura há um ano. Os antigos professores de Biologia tinham sido afastados e pediram-me para repor o funcionamento da disciplina. Entretanto, toda a minha vida profissional se manteve ligada à Escola e fui um dos sócios fundadores da cooperativa ISPA, CRL.

Em quantos projectos já participou? E em quantos está actualmente envolvido?

Creio que em cerca de duas dezenas. Neste momento participo em três projectos financiados pela FCT e coordeno um projecto europeu – MarinERA. Todos decorrem no contexto da Unidade de Investigação que coordeno e a maioria contempla apenas investigação fundamental. Para além disso, a Unidade tem-se dedicado, há vários anos, à realização de projectos de investigação aplicada e à prestação de serviços, nomeadamente na área da conservação na natureza. Por exemplo, muitos dos estudos que estiveram na base da criação do Parque Marinho da Arrábida foram realizados pelo grupo que coordeno.

Obteve recentemente autorização para avançar com a criação do Centro de Biociências. Que objectivos pretende atingir com esta estrutura?

Esperamos desenvolver ainda mais projectos noutras áreas e aumentar o nível de prestação de serviços. Estou sinceramente convencido de que a abertura à comunidade em que se insere é um elemento de valor para o dinamismo das instituições universitárias como o ISPA.

Como está estruturada a Unidade de que é Coordenador?

A nossa Unidade encontra-se dividida em duas linhas de investigação. Uma dirigida por mim, chamada Biologia e Conservação de Organismos Aquáticos e outra dirigida pelo Professor Rui Oliveira, designada Biologia Comportamental Integrativa.

Em concreto, na sua linha de investigação, com quantos investigadores trabalha?

Com cerca de 12 doutorados, com vários estudantes não doutorados e colaboradores. Entre os doutorados, alguns são juniores e têm bolsas de pós-doutoramento para prosseguir as suas carreiras científicas. Ao longo dos anos, temos acolhido também um número significativo de estudantes de mestrado e de licenciatura, nomeadamente estagiários de várias universidades.

Acha que os alunos se envolvem cada vez menos com as actividades académicas e se preocupam mais com as notas e o concluir o curso?

Acho que sim. A forma como se implementou o processo de Bolonha tornou os cursos muito exigentes em termos de quantidade de avaliações e os alunos têm dificuldade em conciliar muitas actividades diferentes. Além disso, a competição por boas notas, que depois podem ser importantes no futuro, faz com que não invistam muito em actividades extra-curriculares, por exemplo de participação em projectos científicos.

Acha que este comportamento se deve a quê ou a quem?

O problema não está nos alunos, mas no tipo de valores e atitudes com que muita gente encara o ensino e a forma de estar na sociedade. Uma coisa que sempre me encorajou foi o enorme potencial de curiosidade e de generosidade que existe nos jovens. Não imagina a quantidade de estudantes que colaboraram comigo pelo puro prazer de participar em trabalho científico. Quando começámos não tínhamos nem o prestígio nem os recursos que temos hoje.

Pode-se dizer que sempre conseguiu captar a receptividade dos alunos e assim construir uma Unidade de Investigação de referência no ISPA?

Foi justamente o trabalho desinteressado dos estudantes, que acreditaram nas minhas propostas de investigação, sem remuneração, sem promessas de empregos, sem qualquer benefício em termos de notas, que permitiram construir o que somos hoje. Muitos dos docentes e investigadores que hoje trabalham comigo ou ensinam no ISPA começaram assim. Por isso, a minha resposta é de que a curiosidade existe nos jovens, como existe um enorme prazer em participar no processo de descoberta. A questão é saber acolher essa disponibilidade. Levá-la a sério e dar-lhe um caminho intelectualmente interessante.

Na sua opinião e apostando tanto o ISPA na área da investigação, como é que acha que se podem cativar mais alunos para esta área?

Só fazendo investigação de qualidade, que seja reconhecida pelos pares e instituições competentes nas diversas áreas, podemos atrair mais alunos para qualquer tipo de investigação, em qualquer área. Por outro lado, temos que ser mais imaginativos na pedagogia que fazemos. Há sempre maneiras de roubar um bocadinho de tempo às obrigações dos programas para falar com os estudantes sobre o trabalho que realizamos. Temos muito que aprender neste domínio.

E como é que isso se pode conseguir?

Por exemplo, abrir os laboratórios à escola, desmistificar a ideia de que a investigação é qualquer coisa de inacessível e muito complicada. Temos que ter mais tempo para falar da ciência que fazemos nas aulas, assim como mais tempo para articular a matéria que se lecciona com as interrogações que os estudantes colocam no quotidiano.

Para finalizar, que balanço faz da sua carreira?

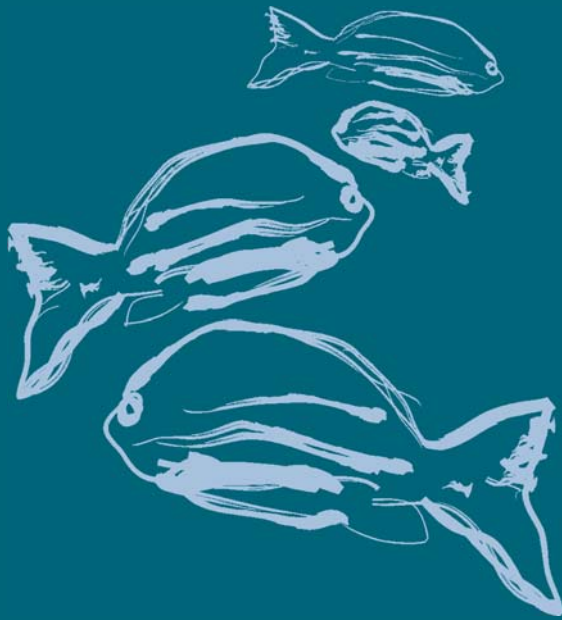
Não sou muito dado a balanços, até porque quando acabam uns desafios, logo surgem outros, quase sempre mais interessantes...mas, no geral, penso que me diverti muito com quase tudo o que fiz. Posso, por isso, dizer que sou uma pessoa com sorte. Toda a vida consegui juntar o trabalho de ensinar e fazer investigação ao meu fascínio geral pela natureza. E também tenho tido muito boas experiências com as pessoas com quem trabalhei. Por isso, a existir, o balanço só pode ser muito positivo.

PERFIL

Professor catedrático no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa, Vítor Almada, 58 anos, é Biólogo e Coordenador da Unidade de Investigação em Eco-Etologia e do Centro de Biociências.

Iniciou a sua carreira de investigação estudando o comportamento de peixes litorais, tendo vindo a alargar o seu trabalho à ecologia, biologia do desenvolvimento, evolução, genética molecular e biogeografia de peixes marinhos e de água doce, e, em geral, ao estudo e conservação das espécies portuguesas.

Tem mais de uma centena de artigos científicos publicados em revistas internacionais, bem como contributos em vários livros em editoras nacionais e estrangeiras.



ECO-ETOLOGIA

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO



A Unidade de Investigação em Eco-Etologia do ISPA é, actualmente, a primeira unidade de I&D das Ciências do Mar, em Portugal, distinguida com a classificação de Excelente. A distinção resulta da avaliação realizada, pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), em 2008, a todas as Unidades de investigação nacionais.

Constituída em 1994, esta Unidade tinha como principal área de investigação o estudo do comportamento animal, principalmente em peixes. Numa fase posterior, os estudos passaram a incluir outros aspectos da biologia da reprodução e histórias vitais dos peixes, o que resultou numa integração de aspectos relacionados com comportamento, biologia marinha, ecologia marinha e conservação.

Em paralelo, a Unidade tem também desenvolvido vários estudos em endocrinologia comportamental de peixes, comunicação e etologia social e comportamento e bioacústica.

Com 16 doutorados, cinco dos quais professores no ISPA, esta estrutura, reconhecida como Unidade de Investigação e Desenvolvimento pela FCT (n.º331/94), tem estado activamente envolvida na realização de inúmeros trabalhos de doutoramento e mestrado, em colaboração com várias universidades portuguesas e estrangeiras.

A Unidade está actualmente dividida em duas grandes linhas de investigação: Biologia e Conservação de Organismos Aquáticos (liderada por Vítor Almada, coordenador da Unidade) e Biologia Comportamental Integrativa (liderada por Rui Oliveira, docente do ISPA e actual director do Centro de Investigação e Intervenção do ISPA).